

**A IMAGEM
DO PASTOR** - P. 9

Mensagem do Concílio Anual de 1974

Rubén Pereyra

Nota: A Mesa Administrativa da Divisão Sul-Americana, em sua reunião plenária do fim do ano passado, estudou o texto que publicamos, recebido da Associação Geral. Desejamos que cada leitor dedique tempo suficiente em seu estudo e meditação. Por isto é que o colocamos nesta seção.

No Concílio Anual de 1973 [da Associação Geral] produziu-se a manifestação do Espírito Santo na assembléia, renovando os corações dos delegados e produzindo um profundo anelo de Deus. Percebeu-se um espírito de reavivamento e viu-se a necessidade de uma reforma. Como resultado desta solene experiência, os delegados proferiram um "fervente chamado" dirigido aos membros da igreja adventista do sétimo dia em todo o mundo. O chamamento revelava um espírito de reconhecimento de que a Igreja se encontra na condição laodiceana (Apoc. 3:14-22), que o caráter de Cristo "não se tem reproduzido perfeitamente em Seu povo" (ver Parábolas de Jesus, p. 52), "que a volta de Jesus tem-se retardado em demasia... e que a preocupação primordial que tem diante de si a igreja adventista do sétimo dia é coordenar suas prioridades individuais e coletivas, para que a vinda de nosso Senhor possa ser apressada".

A resposta a este "fervente chamado" causou impressão em muitas partes do mundo. Os pregadores basearam os seus sermões neste chamado; e em algumas áreas as reuniões de obreiros foram dedicadas ao estudo dos pontos que o mesmo suscita. Em consequência, os membros de todas as partes têm-se unido com os dirigentes da igreja, com a convicção de que a prioridade número um do movimento adventista deve ser espiritual e teológica, e não organográfica. Ainda que como empresa global possamos construir o que seria ideal, recorrendo aos melhores e mais avançados princípios comerciais, nossa missão estará voltada ao fracasso se não compreendemos claramente a maneira como a igreja deve chegar ao mundo com sua mensagem distinta. A missão da igreja depende da teologia correta.

A verdade simples e clara produzirá uma experiência cristã e um estilo de vida distinguidos. Quando o povo compreende o que Deus espera dele, mostra-se mais apto a colaborar e a cumprir sua parte.

Como delegados a este concílio anual, cremos que o espírito de arrependimento individual e também coletivo resultante do chamado realizado no Concílio Anual de 1973, tendo em vista um reavivamento e uma reforma, deve continuar vivo em todo o mundo; de igual modo, que a condição da igreja descrita na exortação de 1973 continue refletindo a realidade, e que permaneça a necessidade de um reavivamento, arrependimento e reforma.

Mas se a igreja deve prosperar em espiritualidade para cumprir sua missão divina, Cristo e Sua justiça devem permanecer de contínuo e altamente expostos ante nosso povo, e todos os membros devem compreender claramente que Deus deseja preparar um povo que guarda "os mandamentos de Deus e a fé de Jesus". (Apoc. 14:12.) Este povo terá aceito a mensagem da "Testemunha Fiel e Verdadeira" aos laodiceanos.

"Os que resistem em cada ponto, que suportam e vencem cada prova, seja qual for o preço, terão ouvido o conselho da Testemunha Fiel e receberão a chuva serôdia, e estarão preparados para transladação". — **Joyas de los Testimonios**, Vol. 1, p. 66.

Um povo tal terá descoberto o gozo e a paz de conhecer por experiência que as boas obras do cristão são o resultado do poder divino, que "a fé de Jesus" produz o caráter de Jesus. Terá contribuído para vindicar o caráter de Deus e para a obra final de decidir a grande controvérsia.

"A honra de Deus, a honra de Cristo, acha-se envolvida no aperfeiçoamento do caráter de Seu povo". — **O Desejado de Todas as Nações**, p. 501.

"O Salvador estava profundamente ansioso por que Seus discípulos compreendessem para que fim Sua divindade estava unida à humanidade. Ele veio ao mundo para manifestar a glória de Deus, a fim de que o homem fosse erguido por Seu poder restaurador. Deus Se revelou nEle, para que Se pudesse manifestar neles. Jesus não revelou qualidades, nem exerceu poderes que os homens não possam possuir mediante a fé nEle. Sua perfeita humanidade é a que todos os Seus seguidores podem possuir, se forem sujeitos a Deus como Ele o foi". — **Idem**, p. 497.

Para que esta gloriosa promessa se converta numa realidade na vida do crente, "Cristo deu Seu Espírito como um poder divino para vencer toda tendência hereditária e cultivada para o mal, e gravar Seu próprio caráter em Sua igreja". — **Idem**, p. 501.

A provisão é completa. Não temos sido deixados sós:

"O ideal de Deus para Seus filhos é mais alto do que pode alcançar o pensamento humano. 'Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos Céus'. Este mandamento é uma promessa. O plano da redenção visa ao nosso completo libertamento do poder de Satanás. Cristo separa sempre do pecado a alma contrita. Veio para destruir as obras do diabo, e tomou providências para que o Espírito Santo fosse comunicado a toda alma arrependida, para guardá-la de pecar". — **O Desejado de Todas as Nações**, p. 228.

O modo de vida do povo de Deus, em seus lares, na vizinhança, nos círculos de suas atividades, demonstrará que Deus é todo sabedoria, amor e justiça em Seu modo de reger o Universo.

"Porque povo santo és ao Senhor teu Deus: o Senhor teu Deus te escolheu, para que Lhe fosses o Seu povo próprio, de todos os povos que sobre a Terra há". Deut. 7:6. "O Senhor deseja refutar as arguições de Satanás patenteando o resultado da obediência aos princípios justos. . . .

"O propósito que Deus quer realizar por meio de Seu povo hoje, é o mesmo que desejou realizar por meio de Israel, quando o tirou do Egito. Pela contemplação da bondade, misericórdia, justiça e amor de Deus, manifestados na igreja, deve o mundo ter uma idéia de Seu caráter. E se a lei divina for desse modo exemplificada na conduta dos que a professam, o próprio mundo reconhecerá a superioridade dos que amam, temem e servem a Deus sobre o restante da humanidade. . . .

"É seu propósito que os que cumprem Seus santos preceitos, sejam um povo distinto. Ao povo de Deus, aplica-se ainda hoje, como ao antigo Israel, as palavras escritas por Moisés sob a inspiração divina: 'Povo santo és ao Senhor

teu Deus: o Senhor teu Deus te escolheu, para que Lhe fosses o Seu povo próprio, de todos os povos que sobre a Terra há'. Deut. 7:6". — **Testemunhos Seletos**, vol. 2, pp. 366, 367.

Como dirigentes da Igreja cremos sinceramente que "a imagem de Jesus" deve ser claramente refletida, não só na vida pessoal de cada membro da igreja, mas também em todos os sermões adventistas, em nossas publicações, nas instituições adventistas — colégios, hospitais e casas publicadoras. A resposta à interrogação: Qual a diferença no modo adventista de viver? deve ser óbvia para todos os que venham a entrar em contato com qualquer dos aspectos da igreja remanescente. O ideal adventista é, em primeiro lugar, qualidade antes que quantidade. Um ideal assim não se alcança fazendo meramente o que outras organizações podem fazer tão bem com nós mesmos, seja em relação ao cuidado da saúde, à educação e à assistência social, ou ainda nos sermões das reuniões de evangelismo, ou reuniões do sábado de manhã. Qualquer coisa que um adventista fizer deve ter uma diferença bem visível:

"Deus ordenou que Sua obra seja apresentada ao mundo em molde santo, distinto. Quer Ele que Seu povo mostre por seu viver a vantagem do cristianismo sobre o mundanismo. Por Sua mercê, foram tomadas todas as providências para que nós, em todas as transações, comerciais, demonstremos a superioridade dos princípios celestiais sobre os do mundo. Devemos mostrar que trabalhamos segundo um plano mais elevado do que o dos mundanos". — **Testemunhos Seletos**, vol. 3, p. 144.

A única maneira em que as instituições denominacionais ou o serviço profissional individual em qualquer área pode produzir semelhante impacto sobre o mundo, é a convicção de que nada menos que a clara mensagem de Cristo — evidente e inconfundível para todos — é sua razão de existir; e logo, empregando os que são capazes de contribuir a esta razão primária para o estabelecimento de uma instituição adventista. Como definição final, as pessoas são as que devem "refletir plenamente a Imagem de Jesus". — **Primeiros Escritos**, p. 71.

Rogamos, portanto, aos nossos membros em todo o mundo, que se examine cada um minuciosamente, para ver até que ponto estão permitindo que o Espírito Santo lhes modele a vida, quão empenhados estão em vencer o pecado pela graça de Deus, quão seriamente estão olhando para Jesus como seu exemplo em todas as coisas. Todos sabemos que as pessoas representadas pelas cinco virgens loucas (Ver S. Mat. 25) são adventistas do sétimo dia em boa e média posição, membros da igreja que conhecem bem os passos bíblicos que sustentam as doutrinas adventistas específicas. Estas "virgens loucas" não são hipócritas. Elas sabem muito a respeito

de Deus, mas muito pouco O conhecem como seu Salvador pessoal, que veio para "salvar o povo de seus pecados". S. Mat. 1:21.

As virgens prudentes representam os que se submetem à influência dos princípios bíblicos para que lhes modelem a vida. Seja em relação com um programa de saúde para que possam ser mais úteis — com mente clara para discernir do erro a verdade — a uma maior consagração para reverenciar o sábado ou para ser melhores mordomos das bênçãos materiais de Deus, ou num exame mais detido das influências que bombardeiam continuamente nossos olhos e ouvidos com tendência para contaminar a alma, as virgens prudentes fazem um hábito diário do ato de permitir que a Bíblia e o Espírito de Profecia sejam sua norma de conduta em tudo. A pergunta: Por que não? é cada vez menos formulada quando jovens produtivos enfrentam as decisões da vida com uma gozosa afirmação a tudo que Deus pede.

Dirigimos uma exortação a todos para que façam do consciente estudo da Bíblia, da meditação e oração, uma parte integral do seu programa diário. Instamos para o estudo das lições da Escola Sabatina e a leitura sistemática dos escritos de Ellen G. White, especialmente de **O Desejado de Todas as Nações, Parábolas de Jesus e Caminho a Cristo**. Jesus passava muito tempo estudando a Palavra e orando a Seu Pai a fim de obter forças; e os que "guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus" não podem fazer menos.

Demais disto, as vidas que refletem a Cristo são essenciais para a projeção do evangelho. Quanto mais semelhantes a Cristo no caráter, mais gentil e atrativo e genuinamente útil será o cristão em suas atividades gerais de conquista de almas, especialmente dentro de seu próprio lar e nas vizinhanças. Quando uma geração de adventistas do sétimo dia pensa seriamente que é testemunha do que a graça de Deus pode fazer, o momento da decisão final da parte do mundo todo, a favor ou contra Deus, não demorará muito tempo.

Este momento final de decisão para a humanidade em todo o mundo, chamado com freqüência o fim do tempo da graça, expirou faz pouco tempo. Deus desejou terminar Sua obra na Terra em qualquer momento significativo depois de 1844, mas muitos de Seu povo não compreenderam o que Ele esperava; outros não têm querido cooperar. Em 1879, Ellen G. White escreveu:

"Por isso que o tempo aparentemente se estende, muitos se tornaram descuidados e indiferentes em relação a suas palavras e ações. Não reconhecem o perigo em que se acham, e não vêem nem compreendem a misericórdia de nosso Deus em lhes estender o tempo de graça, a fim de que tenham tempo para formar o caráter para a vida futura e imortal. Cada momento é do mais alto valor. O tempo lhes é concedido, não para ser empregado em seguir sua própria comodidade e tornarem-se habitantes da Terra, mas para ser empregado na obra de vencer cada defeito de seu caráter e em ajudar os outros, pelo exemplo

e pelo esforço pessoal, a verem a beleza da santidade. Deus tem sobre a Terra um povo que, com fé e santa esperança, está acompanhando o rolo da profecia a cumprir-se rapidamente, e buscando purificar a alma na obediência à verdade, a fim de que não sejam encontrados sem as vestes nupciais quando Cristo aparecer". — **Testemunhos Seletos**, vol. 1, pp. 503, 504.

Fazemos solene chamado a nossos dirigentes e membros da igreja em toda parte, para que pensem detidamente se não estão retardando ou se estão apressando a volta de Jesus. Nosso Senhor está esperando poder intervir em favor de Sua igreja de um modo que escape a toda compreensão humana, a fim de abrir portas que não cederão ao esforço meramente humano, tanto no que tange à vida de consagração pessoal dos membros da igreja, como ao avanço do evangelismo público que um dia assombrará o mundo com sua claridade e poder.

Por que fazemos que haja demora? é a pergunta que deve vibrar em cada lar adventista, em cada reunião grande ou pequena, da igreja. Cremos que Deus está disposto a fazer nesta geração o que desejava fazer há muitas décadas. Cremos que devemos dar ao Senhor a oportunidade de mostrar por meio de Seu povo na atualidade que Sua graça é suficiente para o guardar de cair (S. Judas 24); que os homens e mulheres que vivem em meio de tentações e do pecado podem vencer, assim como Jesus venceu (Apoc. 3:21), e que sua maneira de viver faz que o povo seja mais feliz, mais amável e mais digno de confiança na Terra.

A urgência desta hora avançada, a angústia de nosso mundo, a realidade de que muitos estão olhando com ansiedade para o Céu, e dos dias que vão restando do tempo de graça de cada ser humano, clamam por um povo que se levante para realizar a obra e para brilhar. A exortação de Deus, proferida por intermédio do profeta Isaías, é:

"Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti. Porque eis que as trevas cobriram a Terra, e a escuridão os povos; mas sobre ti o Senhor virá surgindo, e a Sua glória se verá sobre ti. E as nações caminharão à tua luz, e os reis ao resplendor que te nasceu". Isaías 60:1-3.

Como delegados a este concílio anual de 1973, cremos que a mensagem de Laodicéia está ende-reçada, de modo especial, aos dirigentes da igreja.

Com todo o fervor, pois, fazemos um chamado àqueles a quem Deus colocou em lugares de direção na Associação Geral, nas divisões mundiais, nas uniões, nos campos locais e nas instituições em nossa igreja, para que guiem os obreiros e irmãos da igreja a essa experiência espiritual profunda que lhes permitirá "refletir plenamente a imagem de Jesus", apressando assim o dia em que o Espírito Santo será derramado mediante a chuva serôdia, e a Terra será iluminada com a glória do anjo de Apoc. 18, e Jesus possa então voltar.

BATISMO — Uma Legítima Prioridade da Igreja

E. E. Cleveland

Secretário-Associado da Associação Ministerial da
Associação Geral

O Sol quente se refletia nas águas claras do Mar de Caribe. Dez mil pessoas se aglomeravam na praia, cantando hinos, e aguardando expectantes o início do batismo. Esse dia fez história, pois 644 pessoas foram imersas nas águas em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados. Desses, 480 eram conversos vindos de outras igrejas, e os outros eram apóstataos que voltavam e cristãos que procuravam uma renovação de sua fé.

Quarenta pregadores ficaram mais de três horas batizando, até que a divina cerimônia chegou ao fim. Foi uma ocasião inesquecível para os que a testemunharam. Quando os últimos raios do sol derramavam sua bênção final sobre o dia, o Céu se rejubilava, o inferno tremia, e os filhos e filhas de Deus cantavam de alegria.

O batismo é a parte principal do legítimo negócio da igreja: "Ide, ensinaí todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo". S. Mat. 28:19. Mediante a submissão a este rito ordenado por Deus, o participante expressa fé na morte, sepultamento e ressurreição de nosso Senhor (Rom. 6:4, 5). É, portanto, um objetivo principal de nosso ministério, conduzir o homem a este ato de fé.

Os apóstolos viam no batismo algo tão importante que entendiam deverem ter todos esta experiência. "Então Pedro lhes disse: Arrependei-vos, e seja cada um batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito". Atos 2:38. O batismo é, portanto, tornado legítimo pela ordem de nosso Salvador e pela prática comum da igreja apostólica. Mas o problema hoje é que a igreja está de tal modo distante de sua primeira origem que alguns de seus membros e ministros parecem crer que ela pode existir sem batismo. Com efeito, alguns membros sentem-se em desconforto quando se aproxima o tempo do batismo.

Esta atitude laodiceana é cunhada por algumas expressões bem conhecidas como: "Não queremos que ninguém venha aqui e crie mal-estar na comunidade". Ou "Essas pessoas novas não estão satisfatoriamente alicerçadas e portanto não estão preparadas para o batismo". Ou ainda: "Nosso Pastor é muito afoito em matéria de batismo, para fazer média com a associação".

Pais mostram algumas vezes sua falta de inte-

resse no rito batismal, quando seus filhos, ao chegarem aos 10 ou 11 anos, falam-lhes no assunto e eles respondem: "Você é muito novo". Ou "Você ainda não tem idade para saber o que está fazendo". (Onde está escrito na Bíblia que é melhor entregarmos nossa vida a Cristo quando somos mais velhos e não mais jovens?)

Alguns de nossos amados crentes têm estado na igreja por tanto tempo que esqueceram como vieram. Sim, que algum homem de Deus gentilmente os levou às águas batismais e aí os imergiu no nome d'Aquele que é sobre todo nome. Tornaram-se eles rígidos e julgadores, e poderiam converter a igreja de Deus num clube social, aceitando ou recusando na base do sentimento meramente humano.

Lembrem-se tais membros que Cristo chamou-a "Minha igreja" (S. Mat. 16:18), e que por isto mesmo o templo é de Deus, e não nosso, e somos privilegiados em ser membros de Seu corpo. Que homem algum, então, permaneça entre o homem e o Deus que ele busca em Seu altar. Mas devemos estar ao lado em reverência ante o milagre da conversão e obra do Espírito Santo no coração humano.

Contribuindo para a Atitude Laodiceana

Contribuindo para esta atitude de conteúdo laodiceano por parte de alguns leigos estão alguns do ministério. Crede ou não, há alguns pregadores que não são muito entusiastas sobre batismos, e fazem pouco ou nenhum esforço para alcançá-los. Tornam-se tão ocupados com a rotina de promover a estrutura da organização que este mandamento do Senhor tem sido completamente passado por alto por essas pessoas.

Sabem, eles têm coisas mais importantes a fazer, como reunir comissões e participar de Mesas e de reuniões de negócios de gigantescas instituições. Afinal, as finanças de uma organização têm de ser cuidadas, os salários precisam ser pagos, planos precisam ser assentados, etc. Que importa esteja seco o tanque batismal?

Creio que é fácil de equacionar esta questão. Se o tanque batismal permanecesse seco, não ha-

(Continua na pág. 21)

"Justificação Pela Fé" e a ASSOCIAÇÃO

Cristo Nosso Justiça

O Eminente Pioneiro

Meu primeiro passo ao chegar a Washington foi ajudar A. G. Daniells a completar seu efetivamente notável livro "*Christ Our Righteousness*" (Cristo Nossa Justiça), no qual ele vinha trabalhando desde aproximadamente um ano atrás. Esta importante jóia da literatura adventista foi de veras uma verdade presente e exerceu uma tremenda influência na época, especialmente entre os obreiros jovens. E era a estes jovens que o Pastor Daniells se dirigia, e nos quais depositava sua confiança. Homens de vigor e visão, homens sem cicatrizes, recordações e desvantagens dos primeiros anos de batalha. Sobre estes repousavam suas esperanças. Estava persuadido de que eles responderiam. Foi uma história comovente, especialmente para os que gozávamos de sua intimidade.

Estranho como fosse, a um certo grupo pareceu não apelar particularmente, da mesma maneira como o reavivamento original da mensagem da justificação pela fé teve variada recepção durante 1888 e depois. Na verdade, parece ter havido uma dupla reação, onde quer que essa importante verdade fosse anteriormente apresentada. Aparentemente devemos já esperar essa reação e não desconsertar-nos por ela.

"*Christ Our Righteousness*" (Cristo Nossa Justiça) (1926), foi portanto o primeiro livro da Associação Ministerial desta espécie. Foi um notável pioneiro, e abriu o caminho para a ênfase na experiência transformadora e testemunho que Deus espera de Seu ministério no tempo do fim. Aquele precioso livro, torno a enfatizar, deveria estar na biblioteca de cada obreiro e de cada estudante de teologia. É uma obrigação possuí-lo. Deveria ser conhecido a fundo, e assinalado, e tornar-se parte da vida de um ministro. Este livro provê um esquema para a descida do Espírito Santo, triunfante conclusão da última mensagem de Deus ao homem.

O Próximo Passo foi a Manutenção dos Folhetos e Livros

O próximo desafio foi a oportunidade que se ofereceu na Associação Geral de Milwaukee, no verão de 1926. A direção das horas de estudo da Bíblia neste congresso, esteve a cargo dos homens ligados à Associação Ministerial, os quais

levavam dentro de si esta grande preocupação. Entre eles estavam A. G. Daniells, W. W. Prescott, Oliver Montgomery, E. K. Slade, J. H. Evans, e Carlyle B. Haynes. Foram poderosas apresentações. Colocados em forma de panfletos, estes constituíram a próxima contribuição da Associação Ministerial, em número de nove, os quais tiveram um efeito duradouro.

Deveria ser acrescentado, que nesta reunião da Associação Geral, o Pastor Daniells pediu demissão de seu cargo de secretário da Associação Geral, responsabilidade que assumia simultaneamente com a Associação Ministerial. Seu coração e inquietação estavam nos objetivos, possibilidades e imperioso trabalho da Associação Ministerial. Havia já prestado sua contribuição ao trabalho administrativo.

Pessoalmente, eu já havia iniciado um estudo intensivo do Espírito Santo, como resultado de meu trabalho com o Pastor Daniells. Em vista disso, fui solicitado a dar o estudo sobre o Espírito Santo no Congresso de Milwaukee. Por sua vez, isso conduziu à designação de que apresentasse estes importantes temas na série de institutos Ministeriais da União Norte-Americana. Estes estudos, apresentados em esboços, foram, através de uma solicitação, colocados em forma de livro, sob o título de "*The Coming of the Comforter*" (A Vinda do Consolador). Assim, foi publicado o segundo livro pela Associação Ministerial, tratando especificamente destes importantes temas espirituais, e ajudando a trazer à atualidade, a visão do Pastor Daniells, de manter uma literatura que perduraria.

Boletins Mimeografados Abriram Caminho Para o "The Ministry"

O Pastor Daniells, porém, havia sonhado com uma revista para os pregadores, a qual, com bastante frequência, tratasse desses importantes objetivos. Ele sentia a necessidade de um periódico através do qual pudéssemos falar a todos os obreiros. Entretanto, a princípio houve decidida oposição a este propósito. "Temos uma revista oficial da igreja", diziam alguns, em tonalidade bastante duvidosa. Não era necessário discutir sobre uma revista especial. Custaria muito dinheiro, e não valeria a pena. Uma página, ou duas, na *Review*, seria suficiente, e alcançaria não apenas os ministros, mas também nossos leigos.

MINISTERIAL-II

(Conclusão)

Concordaram nisso. Foi uma verdadeira batalha. E os que controlavam as finanças, ganharam a primeira escaramuça.

Nós, porém, não nos demos por vencidos. Foi projetado um plano para contínuo contato com os diferentes grupos de obreiros através de um intercâmbio de periódicos mimeografados, os quais não eram usados tão amplamente, naqueles dias. Haveríamos de alcançá-los por grupos. Uma série foi preparada para Pastores, outra para evangelistas, uma para evangelistas-cantores, e outra para obreiros bíblicos, como eram então chamados. Ainda outros intercâmbios alcançavam os professores de Bíblia em nossos colégios e academias, capelães em nossos sanatórios, e outros grupos. Isto tornou-se um pouco complicado, justamente como havíamos antecipado.

Os Opositores Vêm Luz e Consentem

Estes boletins apareciam com periódica regularidade e eram bem recebidos. Porém correu a notícia de que havia vários grupos de intercâmbio. Os obreiros de uma categoria logo começaram a pedir para serem incluídos nas outras listas. Os pastores solicitavam os boletins dos evangelistas; os cantores-evangelistas pediam o material dos evangelistas; os capelães pediam o que recebiam os obreiros bíblicos, e assim por diante. Isso era justamente o que nós queríamos; alcançar o maior número com suas respectivas mensagens. Houve uma apreciação crescente, e muita demanda. O certo é que a lista cresceu surpreendentemente, até que se tornou muito difícil de controlar e mui dispendiosa.

Finalmente, alguns líderes relutantes viram luz. "Por que não permitir que nossos irmãos da Associação Ministerial tenham sua revista. Isto permitirá o acesso a todos os obreiros, e provavelmente não custará muito mais". Assim, em janeiro de 1928, o primeiro número do *The Ministry* foi editado pela Associação Ministerial e publicado pela "Review and Herald", em sua forma impressa. Havia sido ganha outra estratégica batalha. Outro meio de comunicação havia sido provido. Outro sonho de Daniells se havia tornado realidade.

O primeiro número do *The Ministry* em sua introdução, "Nossa Escusa e Nossa Autorização", referia-se aos "boletins mimeografados usados até aqui", preparando as pedras necessárias para o caminho, até chegar a essa provisão ideal". E

o outro lado da página apresentava o "Estabelecimento e Caráter da Comissão Ministerial". A seguir, foi registrado o voto do Concílio Outonal de 1927, autorizando a publicação do *The Ministry* como a revista dos "obreiros evangélicos". Agora os planos estavam em pleno funcionamento.

1935 — Seu Coração Ainda Estava Grandemente Oprimido

Viremos agora as páginas do tempo, até a primavera de 1935, quando tive o privilégio de estar com o Pastor Daniells, durante as últimas sete semanas de sua vida. Dores Robinson e eu fomos chamados a seguir apressadamente para Los Angeles, atendendo a um pedido urgente do Pastor Daniells, a fim de ajudá-lo a terminar seu livro "*The Abiding Gift of Prophecy*" (O Permanente Dom de Profecia). Foi uma corrida contra o tempo, porquanto ele sofria uma enfermidade fatal.

Prolongadas horas, sem pausa, foi a ordem do dia e da noite. O livro, entretanto, foi terminado. E a introdução, a qual o Pastor Daniells me pediu que escrevesse, foi datada de 24 de fevereiro de 1935, em Los Angeles, California, aproximadamente um mês antes de sua morte. As últimas semanas foram dedicadas à revisão final.

Apesar da tensão, este período me proporcionou um privilégio inestimável. Não somente tive o privilégio de ajudar ao meu amado amigo, orientador e ex-chefe, a terminar sua acariciada tarefa, como também me permitiu a derradeira oportunidade de falar intimamente com ele muitas e muitas vezes com respeito àqueles importantes temas, ideais, e perspectivas, que sempre estiveram em seu coração, isto é, a justificação pela fé, o Espírito Santo, o alto clamor, a chuva serôdia, a mensagem a Laodicéia, reavivamento e reforma, a terminação da obra de Deus sob o poder do Espírito Santo. Também falamos frequentemente sobre a Conferência de Minneapolis. A urgência constrangedora destes importantes princípios e preparativos pareciam aumentar nele à medida que o fim se aproximava. Estas preocupações, ele as compartia comigo, como seu filho no ministério. Reiterou a esperança de que eu, em tempo devido, chegaria a um planejamento completo, pela maneira maravilhosa como Deus, de vitória em vitória nos conduziu, e me assegurou do triunfo glorioso, segundo o esquema divino.

Depositou Esperança em Outros que Captavam a Visão

Jamais ele recuou em sua grande esperança e expectativa. Embora tivesse que transferir sua responsabilidade, estava consciente de que outros tomariam o estandarte e levantariam a tocha cada vez mais alto. "Avante", era o lema. Novas mãos e corações devem levar adiante. Embora ele não vivesse para ver o feliz dia da consumação, outros o veriam. Depositou sua esperança nos futuros homens que captariam a gloriosa visão e responderiam. Para estes, tinha ele uma responsabilidade e uma última mensagem.

A esta altura, ele me entregou suas páginas soltas de compilações, que para ele eram as mais preciosas citações que havia encontrado, e vários dos seus livros bem sublinhados, alguns autografados por E. G. White. Também legou-me um grande pacote de seus esboços de sermões. Isto revelou a preocupação de seu coração, até onde podia ser exprimida, e até o último instante, ele mostrou onde consistia seu mais profundo interesse. Ainda mais, confiou a mim um conjunto inestimável de testemunhos especiais dirigidos a ele próprio e a outros, os quais ele havia custodiado. Também estes lhe haviam proporcionado incentivo, e lhe orientaram na ênfase especial que caracterizou o clímax de nossa mensagem.

Sua Derradeira Exortação ao Ministério do Advento

A última preocupação do Pastor Daniells foi formular uma Exortação de Despedida ao Ministério do Advento. Isso ele rascunhou e me pediu que eu reunisse em forma coerente e expressões apropriadas. Isto foi feito e lido para ele na véspera de sua morte. (Ver "Intimate Story of the 'Charge,'" *The Ministry*, maio de 1953, p. 2). Embora ele estivesse definhando fisicamente, sua mente estava lúcida. Seguiu cada palavra atentamente, muitas vezes assentindo ou expressando aprovação. Era evidente que estava como ele havia desejado.

Na metade da leitura, notei lágrimas que desciam por sua face à medida que a cena tomava significado para ele. Fiz uma pausa, porém, ele me indicou que devia continuar. E ao chegar à última sentença da leitura, que terminava com um "Amém" somente, ele repetiu comigo oralmente: "Amém"; mas, agregou um *segundo* "Amém!" Este "amém suplementar, foi repetido uma e outra vez". — *Ibidem*, pp. 2 e 23.

Jamais esquecerei a solenidade daquele momento, porquanto estas foram as últimas palavras que ele me falou. Logo caiu em coma, e não mais recobrou a consciência. Firme até o fim, morreu na fé pela qual viveu, com ênfase especialmente na última década de sua frutífera existência. Segue a substância de sua exortação.

Um Testemunho, Um Desafio e Um Apelo

Nesta solene exortação de despedida, lida pela primeira vez publicamente em seu funeral, no dia 22 de março e depois publicada no *The Ministry* de maio de 1935, o Pastor Daniells desafiou a todo o ministério do movimento, tanto aos idosos como aos que estão na flor da mocidade, e especialmente aos jovens, a serem "leais à expectativa de seu Deus". Depois pronunciou um chamado e dirigiu um desafio. Esta é a maneira como sentenciou sua exortação:

"Grandes provas estão por vir mui breve; e Deus está contando convosco e esperando que sereis fiéis e leais a cada princípio de justiça. Importantes avanços espirituais são necessários na igreja, e vós sois os que deveis realizá-los.

"Deus está chamando a um reavivamento e reforma espirituais em nossas fileiras, e isto deve vir através de um ministério verdadeiramente espiritual".

Definindo estes termos como uma "experiência vital", "peremptória para a prosperidade e triunfo da igreja", ele deixou este testemunho pessoal e fez o seguinte apelo:

"Vários anos atrás, Deus depositou sobre mim a responsabilidade de incentivar ativamente este movimento espiritual. Isto mudou minha própria vida e visão. E muitos são os que dão testemunho do que Deus operou neles pessoalmente, quando responderam a Seu chamado.

"E agora, meu último sermão foi pregado. Meu trabalho público chegou ao seu término. Minha carreira está acabada. E meu último apelo é feito agora ao ministério deste movimento, do qual fui ministro também por mais de cinquenta anos".

Depois acrescentou com mais fervor:

"Apelo solenemente a tomarem esta responsabilidade e terminar o trabalho. Deus espera isto de vós. A prosperidade da igreja depende disso, e é vossa, a tarefa de trazer esta mais elevada experiência para dentro da igreja. Esta é a maior preocupação de meu coração. E agora, confio a vós, esta responsabilidade. Considerem isso, é minha exortação, ao relacionar-vos pessoalmente com ela".

Embora seu coração não mais palpitasse e seus lábios estivessem silenciosos, ele continuaria a falar aos corações de seus companheiros de ministério, através de seu precioso livro "Christ Our Righteousness", e sua última exortação. Dele veio o sopro que avivou a chama da latente brasa da mensagem da justificação pela fé a qual ele acreditava profundamente que, em seu devido tempo, seria completamente estabelecida. Ele foi o instrumento escolhido que projetou o motivo da Associação Ministerial — a justificação pela fé. Não podemos defraudá-lo em sua expectativa, e tampouco a Deus. Certamente há chegado a hora para este último avanço.

A Imagem do Pastor

Elbio Pereyra

Secretário-Assistente da Divisão Sul-Americana

A tarefa do pastor é muito variada e abarca uma gama de grande colorido no que se refere a sua função. Uma tantas tarefas que ele realiza poderiam ser perfeitamente distribuídas. O pastorado ideal é multiforme e resulta numa imagem única: a do Pastor. Esta reúne um conjunto de funções em um todo equilibrado e bem integrado. Algumas delas ocupam um lugar de evidência porque, naturalmente, devem ter prioridade. Notemos, pois, as imagens isoladas a fim de podermos captar a idéia da imagem bem integrada e ideal do Pastor.

1. A *"kerigmática"*. A *kerügma* é a proclamação, a anunciação do arauto. O sentido original da função do arauto revestia as características da de um embaixador. Nos dias de Homero era este quem levava as mensagens até a terra do inimigo revestido da qualidade de ministro inviolável. O Pastor é um arauto de Deus, que lança a proclamação do evangelho nos domínios do inimigo. Seu anúncio básico é o de que há resgate em Cristo.

2. A *Litúrgica*. É a que caracteriza o Pastor como dirigente do culto e oficiante nos serviços de adoração. Algumas confissões cristãs, como a de Augsburgo, por exemplo, menciona "a palavra retamente pregada", e "os sacramentos devidamente administrados" pelos ministros em suas funções litúrgicas "ante a comunhão dos santos", que é a igreja.

3. A *catequística*. O pastor é um *didaskalos* ou mestre que comunica a doutrina e a verdade de Deus. Esta idéia está implícita na comissão evangélica na expressão "ensinando-as" (S. Mat. 28: 20). Ele é "instrutor bíblico" que partilha com outros o evangelho, tanto do púlpito como de casa em casa. Sua função de professor é importante sobretudo, porque o erro, que é o estado enfermo da mente, tem de ser alcançado pela verdade. Cristo foi chamado de preferência Mestre, e os que O seguiam chamavam-se discípulos. A estes Ele ordenou que catequisassem as pessoas com o evangelho. Depreende-se daí que Seus discípulos, para

ensinar a verdade, têm de bebê-la primeiro no Mestre e Pastor máximo.

4. A *"poimênica"*. O *poimén*, nome grego, é o pastor de ovelhas, aquele que cuida do rebanho e por ele vela. Ele vigia, protege, cuida e envolve. Resgata, salva, alimenta, disciplina, guia, conduz e ama. A idéia tem a conotação da vocação pastoril oriental. No Pastor evangélico, é a missão que transcende o púlpito. Enquanto que a *Kerigmática* é vertical porque é comunicação da verdade que procede do alto, a *"poimênica"* é horizontal; uma *"diaconia"* ou serviço com projeção espiritual e social.

5. A *"jaliêutica"*. O *jaliéus*, na língua grega, é o pescador. A imagem tem de caracterizar a obra do autêntico Pastor. Sua tarefa de pescador é prioritária no conjunto de imagens que o caracterizam. Os administradores de associações, ou missões quando buscam pastores, dão muita importância a este aspecto especial. Moody, Spurgeon, Wesley, Finney, Whitefield, Sunday e outros grandes evangelistas deram expressão a esta imagem ao cunhar, usar e impor a frase tão comum hoje em dia de *"ganhar almas para Cristo"*. Na igreja adventista isto é prioritário tanto no pastorado como no laicato. Tanto é assim que até nos esquecemos de que não devíamos apressar-nos a sair sob o mero impulso da ordem contida na comissão evangélica, antes que havendo recebido a unção do Espírito que nos habilita. Os discípulos tiveram de esperar antes de iniciar a era da pregação evangélica que se inaugurou com Pentecostes, para lançar a proclamação cristã. A espera resultou muito proveitosa. A pescaria foi abundante. Eles eram bons *"pescadores de homens"*.

6. A *apologética*. A imagem aqui é a do Pastor que tem de assumir posição em defesa da fé e da verdade. Os pioneiros de nossa igreja tiveram de fazer bom uso da apologética, especialmente depois do desapontamento de 1844, em seu intuito de defender a posição que adotaram de que Deus esta-

va com eles, apesar do desapontamento. O mesmo aconteceu em relação com as verdades que ainda permanecem como características distintivas da igreja, se não todas, pelo menos as que não são muito comuns à cristandade. É o caso do sábado, do santuário, do Espírito de Profecia manifestado em Ellen G. White, e das explicações proféticas que afirmam a época do surgimento do remanescente de Deus, e que o caracteriza e identifica. É preciso defender a igreja das falsas doutrinas, das idéias ausentes da Palavra de Deus; defendê-la dos grupos dissidentes, das falsas e por vezes antagônicas interpretações bíblicas e do Espírito de Profecia.

7. A *executiva*. Há pastores que alteram esta imagem por sua conduta. O Pastor é um executivo, mas não de suas próprias concepções, senão das decisões da Comissão que ele dirige e da qual faz parte. Na igreja cristã não há lugar para ditadores. Quando surgem, manifestam-se como uma distorção da imagem autêntica do Pastor. Tom Skinner, o grande evangelista negro, disse: "Uma das coisas mais desafortunadas com relação à religião do século vinte é que temos muitos líderes religiosos que jamais foram eleitos por Deus". — *Words of Revolution*, p. 155. Podem-se todavia inverter os termos e dizer que uma das coisas mais ditosas com respeito à religião é o possuímos muitos líderes que foram postos por Deus. Estes sustentam uma imagem correta do pastorado. O Pastor, como executivo, devia ser um líder colocado pelo Senhor. Ele pode ser, e é, um instrumento-chave na igreja. Organiza igrejas, funda escolas, administra bens eclesiásticos, leva a cabo campanhas e descobre estratégias de avanço. Faz-se de pioneiro e leva outros a segui-lo; os leigos fiéis, devotos, leais, o acompanham. Ele canaliza as energias dispersas da igreja, a fim de que esta leve avante a comissão evangélica, além de realizar muitas outras tarefas. Sim, o Pastor é um executivo. Sua múltipla função exigiria cuidadosa atenção individual permanente, a fim de manter-se como executivo sensato, maduro e equilibrado.

8. A *profética*. Por esta imagem queremos referir-nos à revelação de algumas das características da missão e da personalidade do profeta bíblico, e não tanto à capacidade de receber e comunicar revelação. O profeta é instrumento de reforma. É valente, intrépido, incondicional nas mãos de Deus e em sua santa vocação. Não sabe de acordos, sincretismos e política, ainda que em Israel gravite sobre a política nacional. Atua com segurança e autoridade. Sua autoridade e segurança, porém, emanam de seus encontros com Deus e não dos complexos de sua personalidade. É frugal, simples, autêntico. Como porta-voz de Deus, estimula a fidelidade, protesta contra o pecado, guia, instrui e repreende.

No caso do Pastor, tudo isto devia aparecer num marco de humildade e amor que sobressaia em todos os seus atos, atos estes que se fundam no que ele sabe e vive do "Príncipe dos Pastores", seu Modelo, o qual foi também Profeta por excelência.

9. A *promocional*. Uma desproporção na promoção de alguma coisa, mesmo que da igreja, no uso de incentivos e prêmios por atividades relacionadas com tarefas da mesma, não só poderia adquirir as características de "fogo estranho" no culto do santuário, mas debilitaria o sentido autêntico de adoração e resultaria numa demonstração de debilidade da própria igreja. É que poderia equivaler a reconhecer que o que não se alcança pela operação do Espírito Santo deve procurar-se por caminhos do engenho humano em promoção que, conquanto apareça como sendo dirigida pelo Espírito Santo, nem sempre tem-no. Ele como promotor. Um líder evangélico afirmou que "se o Espírito fosse retirado do mundo hoje, 90% do que se considera como operação da igreja continuaria sem se notar qualquer alteração". — Samuel Shoemaker, *With the Holy Spirit and With Fire*, p. 88. Y. R. C. Halverson afirmou que "daria na mesma exortar uma mulher estéril a que tenha filhos ou exortar uma igreja estéril a evangelizar ou responder às missões". — *Methods of Personal Evangelism*, (em *Christianity Today*, de 28 de outubro de 1966, p. 25).

A imagem do autêntico promotor pastoral sempre está respaldada por uma vida espiritual sólida, com reflexo numa congregação fervorosa e dedicada, disposta à ação. Não promove, portanto, a esterilidade, para em seguida exortar sem resultados, porque o faz retamente.

10. *Outras mais*. Poder-se-iam acrescentar outras tantas imagens a esta enumeração. É algo mais que relações públicas, que a atividade do "homem orquestra" que está em tudo, que tudo faz e que faz de tudo. Portanto, não se excluem outras tantas atividades que não ocorreram à mente do autor deste artigo. Valeria bem a pena, ao final desta lista, que nos sentássemos e, como pastores, nos puséssemos a meditar sob o incentivo de algumas perguntas como estas:

Dou uma imagem total ou uma imagem isolada de meu pastorado? Não estarei dando preeminência a algumas imagens isoladas, e até exagerando-as? As que são prioritárias em meu pastorado merecem, realmente, esse lugar?

Poderia suceder que a totalidade de imagens que configuram um pastorado ideal e eficaz não estejam bem integradas de modo que possam apresentar a imagem de um ministério que, finalmente, resultaria em aprovação da parte do Senhor.

O MOVIMENTO

CARISMÁTICO — II

João Zurcher

Secretário da Divisão Euro-Africana

O Dom de Línguas Segundo a Bíblia

Em virtude da confusão reinante na atualidade sobre o dom de línguas e do falar línguas nos meios cristãos em geral, e até na mente de muitos adventistas, é necessário recorrer à Palavra de Deus para saber o que ela nos ensina a respeito. Como escreve o apóstolo João, não devemos crer a todo espírito, mas prová-los para saber “se são de Deus”. Assim conhecemos “o espírito da verdade e o espírito do erro”. I S. João 4 : 1-6.

Um exame atento das cinco passagens do Novo Testamento que mencionam o dom de línguas é absolutamente necessário, para quem deseje conhecer o ensino da Bíblia a respeito deste dom e emitir juízo seguro quanto às manifestações extraordinárias do movimento carismático, para o qual o falar línguas constitui prova evidente do batismo do Espírito Santo. Consideremos estes textos na ordem cronológica dos acontecimentos, sem esquecer que a ordem dos escritos que os relatam é diretamente inversa.

1. S. Marcos 16:17. — A primeira menção do dom de línguas remonta a Jesus Cristo, mesmo. Encontra-se entre as promessas feitas aos discípulos depois da ressurreição, quando o Mestre, pouco antes de deixá-los, confia-lhes a missão de evangelizar o mundo. O evangelista Marcos é o único a mencionar esse pormenor: “E estes sinais seguirão aos que crêem: em Meu nome expulsarão demônios; falarão novas línguas. . .”

É interessante destacar que Jesus é o primeiro a falar do dom de línguas. Fáz-lo em forma de promessa. Também é importante sublinhar o contexto: a evangelização do mundo. É com essa finalidade — a pregação do evangelho a toda criatura — que o Senhor concederá o dom de falar “novas línguas”.

O adjetivo “novas” não significa que os discípulos falariam línguas “novas” no sentido de línguas ainda não existentes, como pretendem alguns, mas sim que eles estariam em condições de falar novas para eles, isto é, idiomas estrangeiros que poderiam falar sem havê-los aprendido.

Eis que assim é como explica Ellen G. White: “Era-lhes prometido um novo dom. Os discípulos

teriam de pregar entre outras nações, e iam receber a faculdade de falar em outras línguas. Os apóstolos e seus associados eram homens sem letras, mas pelo derramamento do Espírito no dia do Pentecostes, sua linguagem, quer falassem em seu próprio idioma ou em idioma estrangeiro, era pura, simples e exata”. — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 761.

O cumprimento da promessa de Jesus no dia do Pentecostes e o relato que faz Lucas do mesmo, constituem, por outro lado, a maior explicação do significado deste dom.

2. Atos 2:1-13. — Esta é a passagem mais significativa em relação com o dom de línguas. Cabe destacar que Lucas, companheiro de Paulo, é o autor deste passo, e que o relato foi redigido uns dez anos depois da epístola primeira aos coríntios, na qual Paulo aborda o problema do dom de línguas como se apresentava na igreja de Corinto. (Capítulos 12-14.) A insistência de Lucas em definir claramente o sentido que se deve dar ao dom de línguas, talvez não deixe de ter relação com os ensinamentos de Paulo tendentes a corrigir os erros dos coríntios.

Na realidade, nesta passagem Lucas emprega uma única vez a expressão “falar em línguas” (verso 4). O adjetivo que associa é, por si só, explicativo: “Foram todos cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas”. Nos versos 6 e 8 Lucas emprega expressamente um termo diferente, *dialektós*, em lugar de *gloossa*, para precisar que se trata de idioma específico de uma nação ou de determinada região. (Compare-se também com Atos 1:19; 21:40; 22:2; 26:14.) Dezesesseis regiões lingüísticas estão, portanto, referidas nos versos 9 e 10, regiões cujos representantes fazem, com razão, a pergunta: “Como, pois, os ouvimos falar em nossas próprias línguas das maravilhas de Deus?” Verso 11. A multidão que acorreu estava confusa, porque cada um os ouvia falar em seu idioma (*dialektós*). Estavam todos assombrados e surpreendidos, e diziam uns aos outros: “Não são galileus todos estes homens? Como, pois, os ouvimos falar cada

um na língua em que somos nascidos?” Versos 6-8.

Não se trata aqui em absoluto de uma língua “desconhecida”, de uma língua “espiritual” ou “celestial”. As línguas faladas pelos discípulos foram, ao contrário, especificamente designadas como línguas humanas conhecidas. O milagre do Pentecostes consistiu nisto: Deus concedeu aos discípulos a faculdade de falar nas línguas maternas dos representantes das diferentes nacionalidades ali presentes e expressamente mencionadas.

Em Atos dos Apóstolos, pp. 32, 33, Ellen G. White confirma esta interpretação: “O Espírito Santo, assumindo a forma de línguas de fogo, desceu sobre os discípulos que estavam reunidos. Isto era um emblema do dom então outorgado aos discípulos, o qual os capacitava a falar com fluência línguas com as quais nunca haviam tomado contato. . . . Esta diversidade de línguas teria sido um grande embaraço à proclamação do evangelho; portanto Deus supriu de maneira miraculosa a deficiência dos apóstolos. O Espírito Santo fez por eles o que não teriam podido fazer por si mesmos em toda uma existência. Agora podiam proclamar as verdades do evangelho em toda parte, falando com perfeição a língua daqueles por quem trabalhavam. Este miraculoso dom era para o mundo uma forte evidência de que o trabalho deles levava o sinete do Céu. Daí por diante a linguagem dos discípulos era pura, simples e acurada, falassem eles no idioma materno ou numa língua estrangeira”. — *Atos dos Apóstolos*, pp. 39, 40.

3. *Atos 10:46*. — O terceiro exemplo no falar línguas está mencionado em *Atos 10:46*, em relação com a conversão do primeiro gentio, Cornélio, o centurião. Todos conhecem as circunstâncias e os pormenores do relato, tais como se encontram referidos nos capítulos 10, 11: “E falando Pedro estas palavras, o Espírito Santo caiu sobre todos os que o ouviam. E os fiéis que eram da circuncisão e que haviam vindo com Pedro ficaram atônitos de que também sobre os gentios se derramasse o dom do Espírito Santo. Por que os ouviam falar em línguas, e engrandecer a Deus” (Versos 44-46).

Uma vez mais parece evidente que as línguas de que se tratam aqui não são de modo algum línguas ininteligíveis, visto que Pedro e seus companheiros “os ouviam . . . engrandecer a Deus”. No cap. 11:15, Pedro declara: “Desceu sobre eles o Espírito Santo como também sobre nós ao princípio”. Desse modo Pedro estabelecia uma comparação entre a experiência de Cornélio e a da igreja de Jerusalém no dia do Pentecostes.

No Pentecostes, o falar línguas foi o meio que Deus usou para anunciar o evangelho aos judeus crentes que vieram a Jerusalém para adorar. Neste caso particular, o fato de Cornélio e sua família haverem falado línguas constitui um “sinal” dirigido a Pedro e à igreja de Jerusalém,

a fim de que cressem de uma vez por todas que “Deus não faz acepção de pessoas, mas Se agrada” de qualquer pessoa que em qualquer parte do mundo faz o que é reto e O teme. (*10:34, 35*.) Deus Se serviu do dom de línguas — o mesmo dom que havia concedido aos discípulos no princípio — como “sinal” para convencer a Pedro e à igreja. Daí o assombro inicial, e logo a conclusão lógica mediante a comparação com o que havia ocorrido no Pentecostes: Se Deus concedera a eles, os gentios, “o mesmo dom” que aos apóstolos, “quem era eu?” Pedro pergunta, “para resistir a Deus?” *11:17*. “Pode alguém porventura recusar a água, para que não sejam batizados estes, que também receberam como nós o Espírito Santo?” *Atos 10:47*.

4. *Atos 19:1-6*. — Esta é a terceira e última vez que se menciona o dom de línguas no livro de Atos. Está relacionado com a obra missionária de Paulo em Éfeso e na província da Ásia. Novamente aqui, o dom de línguas é um sinal exterior do dom do Espírito Santo. Mas também aqui se trata de falar línguas estrangeiras, como no Pentecostes. Ellen G. White explica que esses homens “receberam . . . o batismo do Espírito Santo, pelo qual foram capacitados a falar os idiomas de outras nacionalidades e a profetizar” (*Id.*, p. 229). “Profetizar” é precisamente o objetivo de falar línguas de outras nacionalidades, tal como Pedro o sublinha em seu discurso no Pentecostes, ao citar o profeta Joel (*Atos 2:17, 18*). Por sua vez, Pedro também relacionará ambas as coisas ao mostrar aos coríntios que “o que profetiza fala aos homens para edificação, exortação e consolação”, de modo que “prostrando-se sobre o seu rosto” o “incrédulo” adorará a Deus, declarando que verdadeiramente Deus está entre vós”. *I Cor. 14:3, 24, 25*.

Esta é também a experiência dos discípulos de Paulo, tal como está registrada em *Atos 19:8-12*. “A partir daí a linguagem dos discípulos foi pura, simples e escorreita, falassem eles no idioma materno ou em um idioma estrangeiro”. — *Id.*, p. 40.

É preciso mencionar outro pormenor suplementar como característica do dom de línguas segundo a Bíblia, pois permite estabelecer uma distinção entre o dom verdadeiro e suas falsificações. O verbo “falar”, aqui empregado no tempo imperfeito (*Atos 19:6*), indica que se trata de uma ação continuada, e não simplesmente de um ato de instante, passageiro, sob o efeito de êxtase. Os que receberam o dom de falar em línguas estrangeiras receberam-no para usarem-no continuamente. Era um dom permanente sem o qual os discípulos de Éfeso não teriam podido evangelizar as nações que os rodeavam. Este é um pormenor importante que Ellen G. White sublinha em cada um dos textos comentados.

O Diretor Faz 10 Perguntas a Ruben Arn

Tema: Evangelização de um Distrito

Ruben Arn é um pastor jovem: tem 29 anos, está com 5 anos de ministério em seu primeiro ano como pastor ordenado. É pai de dois filhos: Gladys e Néstor.

Estávamos ouvindo muito comentário sobre o que estava acontecendo em Salto, Uruguai, seu lugar de trabalho. Ouvimos da transferência de igreja que a Associação lhe preparara, e que fora posteriormente cancelada em virtude de pedido bem argumentado por parte de sua igreja, sede de seu distrito. Havíamos conversado com ele em diferentes ocasiões, mas para nos informarmos da realidade de perto, fomos a Salto, onde tivemos algumas supresas agradáveis.

No momento em que a Divisão, as uniões, os os campos e as igrejas estão empenhados em planificar as atividades do decênio, consideramos que a experiência do Pastor Arn poderia ser um incentivo a outros obreiros que enfrentam o desafio da evangelização do território a eles entregue.

O Pastor Arn responde assim às perguntas formuladas:

P. Como definiria o terreno onde trabalha atualmente, no que se refere à evangelização?

R. Não é um lugar fácil. Há preconceitos, embora esse campo tenha sido beneficiado anteriormente com várias campanhas e a congregação se mantenha mais ou menos estável. Temos notado também hostilidade da parte de alguns e indiferença por parte de outros.

P. A que atribui seu interesse tão acentuado pelas tarefas de evangelização pública?

R. Ao imperativo da hora. Ao chegar aqui tentei vários sistemas e métodos, sem resultados apreciáveis, chegando à conclusão de que tinha de ser mais agressivo e ir com a mensagem aonde estava o povo. Uma experiência frutífera num setor da cidade inspirou o empreendimento de novas atividades.

P. Que papel atribui aos leigos na obra de um pastor evangelista?

R. Creio que os leigos são elementos-chave na evangelização. Eles chegam a dar-se a si mesmos e dar de seus meios e talentos quando vêem que há um plano em marcha e se lhes apresenta um desafio. Creio, sim, porém, que não se consegue integrá-los no trabalho simplesmente dizendo-lhes que é preciso trabalhar, senão entusiasmando-os com algo que esteja em funcionamento e dando fruto. Os leigos entusiasmados e inspirados distribuirão folhetos, convidarão amigos e familiares para as reuniões, darão estudos bíblicos e desempenharão muitas outras tarefas. O básico é alcançar uma identificação tal com o trabalho, que o considerem "nosso trabalho" e não "o trabalho do Pastor".

P. Qual a estratégia que tem seguido para a evangelização de seu distrito?

R. Creio que o lógico é ir com a igreja aonde o povo está, e não esperar que venham à igreja. Para isto compramos com fundos locais uma pequena tenda com capacidade para 100 pessoas, tendo sido logo ampliada para 150. Este ano compramos outra maior com capacidade para 240 pessoas. Instalamos estas tendas em diferentes setores da cidade, desenvolvendo campanhas agressivas de evangelização pública. Como resultado, formaram-se 5 grupos em diferentes setores da cidade, sendo que agora cada um deles tem vida própria. Logo o plano levava em consideração a realização de uma campanha no coração da cidade, campanha que neste momento está em plena ação.

P. Você disse que usa tendas; que tipos de tendas tem usado, e quais as vantagens que vê nesse processo?

R. A igreja comprou as tendas com fundos próprios. São pequenas. Uma delas é somente uma lona grande com que se cobre uma armação que fazemos de madeira no próprio local das reuniões. Nós as compramos e usamos primei-

ramente porque é difícil encontrar salões que possam servir a nossos fins. A tenda quebra o preconceito e é por si uma propaganda. Ademais os gastos são geralmente menores, pois já está completamente equipada. O único problema da tenda é o frio. Mas o problema se resolve com um bom sistema de calefação.

P. Entendo que tem havido mostras especiais de generosidade entre os irmãos. A que atribui esse espírito?

R. Realmente. A igreja de Salto, com 110 membros, apoiou o plano deste ano com dez milhões de pesos [perto de 80 mil cruzeiros]. Além deste fato, houve um irmão que sozinho deu 15 milhões de pesos em dízimo [cerca de 120 mil cruzeiros]. Segundo o seu próprio testemunho, ele entregou aquela importância ao ver o que os bens materiais podem fazer em favor da terminação da obra, impressionado pelo que está vendo. Sem de-sejar alongar-me, ontem vi outro irmão trazendo 100.000 pesos para apoiar a campanha no centro.

P. Que arranjos faz você para assegurar a continuidade do trabalho, depois que a tenda é removida?

R. Creio que realizar uma campanha num lugar sem dar aos novos crentes um "lar" próprio equivale a fazer apenas metade do trabalho. Por isto olhamos primeiro a possibilidade de conseguir um local na região, que possa ser utilizado, a fim de ter tudo pronto para receber os novos conversos. Ademais, designamos um grupo de sólidos irmãos para que continuem pregando e fazendo obra de confirmação entre os novos. Temos três reuniões noturnas em cada lugar, a reunião de oração e duas reuniões de evangelização. Quando necessário, damos aos pregadores uma pauta do temário a ser desenvolvido.

P. Em que plano está empenhado neste momento?

R. Estamos envolvidos na evangelização da zona central da cidade. Alugamos um bom salão de um clube localizado em frente à praça "33", e nele estamos apresentando sete conferências por semana. O salão foi alugado por um mês e meio, com possibilidades de renovação do contrato. Formamos uma equipe de auxiliares integrada pelo irmão Daniel Scarone, obreiro da Missão, Angélica Sarli, instrutora bíblica, Alexandre Sirotko, aluno de teologia do C. A. P., e os irmãos Osiris Jure e Alberto Martinez, que se dedicam a pintar cartazes e ajudam na publicidade. Além disto a igreja contratou o irmão Luís Gaité para que dedique todo o seu tempo no atendimento

aos grupos que por motivo da série poderiam ficar sem atendimento pastoral.

Terminamos a primeira semana de reuniões com um público que consideramos excelente para o lugar. O público oscila ao redor de 400 pessoas. Esperamos bons frutos deste ato de fé.

P. Pode relatar algum incidente notável de seu trabalho em Salto?

R. Talvez algo que demonstra que os inimigos da verdade não dormem. No mês de julho estávamos com duas campanhas simultâneas em dois diferentes bairros da cidade: Cerro e Artigas. Em cada um desses lugares tínhamos sete reuniões por semana. Uma madrugada, depois de quatro semanas de reuniões, a tenda maior foi queimada até converter-se em cinzas, inutilizando parte do equipamento de amplificação e outros materiais. Imediatamente nos mudamos para um salão a 50 metros de onde estava armada a tenda. O trabalho não pôde ser interrompido.

P. Que recomendações daria a seus colegas que têm também a responsabilidade de um distrito e devem dedicar-se ao evangelismo público?

R. Que se lancem às lides da evangelização sem temor. Envolvam a igreja na compra de uma tenda pequena, e inflamem-na com entusiasmo, trabalhando arduamente.

Se há no ministério uma tarefa que dê mais satisfações do que outra, é ver os frutos diretos de nossa obra em favor dos perdidos. Em outras palavras, não só batizar os que estão já dentro da igreja, mas sair e buscar e salvar os que estão sem esperança e sem Deus no mundo.

...ooOoo...

Ao sair da conferência do Pastor Arn, buscamos no classificador o plano da década traçado pela Divisão Sul-Americana. Há 1.031 cidades com mais de 10.000 habitantes, nas quais não temos ainda trabalho estabelecido. A estas agregamos as que têm cinco, sete, oito mil ou menos. Se pensarmos além disto nas cidades ou bairros onde a obra já está estabelecida, mas distantes de serem evangelizadas de modo cabal, sentimo-nos como que impotentes. Todavia, se cada Pastor, cada administrador, cada médico, cada professor, cada membro da igreja, sentisse sua necessidade de reavivamento do amor pelas almas, e de coração se lançasse à evangelização, o panorama rapidamente mudaria. Recomendamos ao leitor que analise o seu programa de trabalho e veja — à luz desta entrevista — se alguma coisa pode ser modificada para que chegue mais depressa ao final da tarefa. — R. P.

MEDITE SOBRE ISTO

- O SANTO não condena o pecador, mas ampara-o sem presunção.
- O SABIO não satiriza o ignorante, mas esclarece-o fraternalmente.
- O ILUMINADO não insulta o que anda nas trevas, antes ilumina-lhe a senda.
- O ORIENTADOR não acusa o aprendiz tateante, porque a ovelha incerta e insegura é a que mais reclama os cuidados do pastor.
- O BOM não persegue o mau, mas ajuda-o a melhorar-se.
- O FORTE não maltrata o fraco, mas auxilia-o a erguer-se.
- O HUMILDE não foge do orgulhoso, mas coopera silenciosamente em favor dele.
- O SINCERO a ninguém perturba, mas harmoniza a todos.
- O SIMPLES não critica o vaidoso, mas socorre-o sem alarma sempre que o pode.
- O CRISTAO não odeia, não fere, mas perdoa, serve a Cristo, sendo ao próximo como irmão. — O FAROL.

12 HORAS DE INSPIRAÇÃO A SUA DISPOSIÇÃO

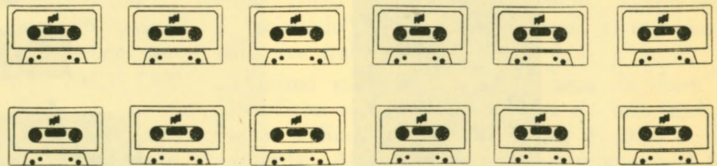
Sermões, música para a igreja e para o lar, corinhos para evangelização; os Evangelhos lidos pelo Pastor Roberto Rabello, solos, duetos, quartetos, conjuntos e muito mais. **TUDO ADVENTISTA!**


ENVIE SUA SOLICITAÇÃO A:

VOZ DA PROFECIA
Cassete do Mês
Caixa Postal 1189-ZC-00
20000 — Rio de Janeiro — RJ

CASSETE DO MÊS

Plano sem interesse comercial de provisão de materiais, organizado pela Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana e gravado nos estúdios da VOZ DA PROFECIA.



Preço Anual 

(1 cassete por mês, durante o ano de 1975 — Cr\$ 300,00, incluindo frete até a sede da Associação/Missão correspondente.

OBREIROS: anexar cheque ou solicitação assinada pelo tesoureiro da Associação/Missão. — LEIGOS: anexar cheque, reembolso ou comprovante de depósito feito na tesouraria do Campo. — Material de 1974 também disponível para ser entregue imediatamente ao mesmo preço de 1975.



UMA CRUZ
OU UMA
ESCADA?

Um dia Maitre Hauchecome, principal personagem da famosa história de Guy de Maupassant "O pedaço de Cordão", estava andando pela praça do mercado, quando notou no chão um pedaço de cordão. Sendo um camponês frugal, baixou-se e apanhou o cordão. Mais tarde soube que uma bolsa havia sido perdida nesse mesmo local, e ele foi acusado de tê-la achado.

Embora Hauchecome protestasse inocência, o chefe da *gendarmaria* levou-o à autoridade superior para interrogatório. No dia seguinte a bolsa foi encontrada, mas nunca mais Hauchecome teve paz de espírito. Humilhado pela acusação e detenção, ele começou a remoer o incidente. "O pedaço de Cordão" tornou-se-lhe uma obsessão. Começou a negligenciar cada vez mais os seus deveres para referir a conhecidos e a estranhos sua injusta prisão. Ficou neuroticamente enfermo, mentalmente envenenado por sua indisposição em perdoar e esquecer. Já agonizante, suas últimas palavras foram: "Um pedaço de cordão — olhe, aqui está ele, senhor chefe de polícia".

Muitas pessoas têm tido seus "pedaços de cordão" na vida, contratempos e desgostos de uma espécie ou de outra. Com toda probabilidade, o leitor também está incluído.

Muitas vezes o rosto pode estar iluminado por um sorriso, as palavras parecendo animosas e alegres. Mas no fundo do coração está a cicatriz.

Talvez a cicatriz em algum coração seja causada pela perda de um ente amado, ou pelo penoso efeito de alguma enfermidade, ou ainda um casamento desfeito ou um filho transviado, ou quem sabe ainda, a perda de bens materiais ou a traição de um amigo. . . .

Há um modo muito melhor de enfrentar a desventura do que o emocionalmente imaturo processo de nutrir ressentimentos ou erguer os punhos ao céu. William James, chamado pai da psicologia aplicada, sugeriu o primeiro passo: "Mostre-se disposto a isso" — reconhecer que algumas coisas estão em nosso poder, outras não, e que é sábio distinguir entre elas.

João Milton, cego à idade de vinte e três anos, escreveu: "Não é infelicidade ser cego; infelicidade é ser incapaz de suportar a cegueira".

Seja qual for vossa desdita pessoal, depois de vos haverdes mostrado dispostos a suportá-la, há um segundo passo a ser dado: Transcendei-vos a vós mesmos e sublimai o natural ressentimento em serviço concreto pela humanidade.

"Quando uma porta se fecha, outra se abre", escreveu Alexandre G. Bell, "mas nós nos fixamos tão ressentidamente na porta fechada que não vemos a que está aberta".

Poucas pessoas teriam considerado Charles Steinmetz em sua meninice como alguém votado à preeminência. Nascido na pobreza, e corcunda, tinha já contra si dois obstáculos para começar. Entretanto, transcendendo os seus obstáculos, ele se tornou um dos mais renomados engenheiros eletricistas do mundo. Dos laboratórios deste homem claudicante em toda a sua vida, que para ver-se livre da dor costumava trabalhar numa posição meio em pé meio sentado, de seus laboratórios vieram descobertas e invenções que revolucionaram o mundo da indústria. Como resultado de seu incansável trabalho, ele obteve mais de 200 patentes para a General Electric, com a qual estava associado.

O sofrimento pode também servir para propósitos redentores. Sem as tristezas estaríamos satisfeitos em conservar os olhos nas coisas da Terra. Teríamos pouco incentivo para olhar para o alto.

Quando o único filho de Sir Harry Lauder foi morto na primeira grande guerra, o sofrido pai disse: "Quando um homem tem de enfrentar uma coisa como esta, só há três modos de fazê-lo: A bebida, o desespero e Deus. E por Sua graça escolhi Deus".

Sem o sofrimento, muitas das promessas da Bíblia não teriam sentido. Se nunca tivéssemos tido angústias, não haveria para nós qualquer incentivo para aceitar o convite de S. Mat. 11: 28. "Vinde a Mim, todos que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei".

Se jamais tivésseis tido preocupações, não haveria razão para lançardes sobre Ele "todos os vossos cuidados". I S. Pedro 5:7.

Jesus, o Filho, conheceu as tristezas quando andou como Homem entre homens, "desprezado" e "rejeitado", "homem de dores, e experimentado nos trabalhos".

Mesmo sobre a cruz o Homem de dores Se identificou com as necessidades da humanidade. Havia a Sua direita um ladrão, e outro a Sua esquerda. Ainda em Seu último momento o Seu pensamento foi para outros, e até durante o Seu sofrimento mais intenso. Assim Ele transformou a cruz, até então símbolo de tortura e morte, em símbolo de vida triunfante, uma escada para a eternidade.

Que fareis de vossos padecimentos — uma cruz ou uma escada?

OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA RESPONDEM A PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA



A NATUREZA DE CRISTO DURANTE A ENCARNAÇÃO

APÊNDICE B

I. O Mistério da Encarnação

A humanidade do Filho de Deus é para nós tudo. É a cadeia de ouro que liga a Cristo a nossa alma, e por meio de Cristo a Deus. Isto deve ser o nosso estudo. *Cristo foi realmente homem; deu prova de Sua humildade ao tornar-Se homem. Era, todavia, Deus na carne.* Quando nos aproximamos deste tema, bem fazemos em lembrar as palavras pronunciadas por Cristo a Moisés, junto da sarça ardente: "Tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa". Devemos aproximar-nos deste estudo com a humildade de um discípulo, de coração contrito. E o estudo da encarnação de Cristo é campo frutífero, que recompensará o pesquisador que cave fundo, em busca da verdade escondida. *The Youth's Instructor*, 13-10-1898.

O único plano que podia ser delineado para salvar a raça humana era o que requeria a encarnação, humilhação e crucifixão do Filho de Deus, a Majestade do Céu. Depois que foi delineado o plano da salvação, Satanás não mais tinha base para fundamentar sua sugestão de que Deus, por ser tão grande, nada podia fazer por uma criatura tão insignificante como o homem. — *The Signs of the Times*, 20-1-1890.

Ao contemplarmos a encarnação de Cristo na humanidade, ficamos atônitos ante um mistério insondável, que a mente humana não pode compreender. Quanto mais sobre ele refletimos, tanto mais maravilhoso se nos afigura. Quão vasto é o contraste entre a divindade de Cristo e o desajudado Infante da manjedoura de Belém! Como medir a distância entre o poderoso Deus e uma desajudada criança? E entretanto o Criador dos mundos, Aquele em quem habita corporalmente toda a plenitude da Divindade, foi manifesto no desajudado Bebê na manjedoura.

Muito mais elevado do que qualquer dos anjos, igual ao Pai em dignidade e glória, e todavia envergando as vestes da humanidade! *Combinaram-se misteriosamente Divindade e humanidade, e o homem e Deus tornaram-se um.* É nesta união que encontramos a esperança de nossa raça caída. Contemplando a Cristo humano, contemplamos a Deus, e vemo-Lo no brilho de Sua glória, a expressa imagem de Sua pessoa. — *The Signs of the Times*, 30-7-1896.

Ao estudar o obreiro a vida de Cristo, e ao meditar no caráter de Sua missão, cada nova busca revelará algo mais profundamente interessante do que já foi desvendado. O assunto é inexaurível. O estudo da encarnação de Cristo, de Seu sacrifício expiatório e obra mediadora, ocupará a mente do diligente estudante enquanto o tempo durar. — *Obreiros Evangélicos*, p. 248.

Que Deus devesse assim ser manifestado na carne, é na verdade um mistério; e sem o auxílio do Espírito Santo não podemos esperar compreender este assunto. A mais humilhante lição que o homem tem que aprender é a nulidade da sabedoria humana, e a loucura de tentar, por seus próprios impotentes esforços, encontrar a Deus. — *The Review and Herald*, 5-4-1906.

Foi a natureza humana do Filho de Maria mudada de modo a tornar-se a natureza divina do Filho de Deus? Não; as duas naturezas amalgamaram-se misteriosamente numa só pessoa: o homem Cristo Jesus. NEle habitou corporalmente toda a plenitude da Divindade. (...)

É este um grande mistério, mistério que não será compreendido plena e completamente em toda a sua grandeza antes que se realize a transladação dos remidos. Então o poder, a grandeza e a eficácia do dom de Deus ao homem serão compreendidos. Mas o inimigo está resolvido a mistificar esse dom por tal forma que se torne nulo. — *The SDA Bible Commentary*, Vol. 5, p. 1113.

Não podemos explicar o grande mistério do plano da salvação. Jesus tomou sobre Si a humanidade, a fim de que pudesse alcançar a hu-

manidade; não podemos, porém, explicar como a divindade se revestiu da humanidade. Um anjo não teria sabido como compadecer-se do homem caído, mas Cristo veio ao mundo e sofreu todas as nossas tentações, e nossas enfermidades tomou sobre Si. — *The Review and Herald*, 1-10-1889.

II. Miraculosa União do Humano com o Divino

Pondo de lado Sua veste e coroa reais, Cristo revestiu de humanidade a Sua divindade, a fim de que os seres humanos pudessem ser erguidos de sua degradação e colocados em terreno vantajoso. Cristo não podia ter vindo à Terra com a glória que possuía nas cortes celestiais. Os pecaminosos seres humanos não teriam podido suportar a vista. Ele velou Sua divindade com o manto da humanidade, *mas não Se separou de Sua divindade*. Como Salvador divino-humano, *veio colocar-Se como chefe da raça caída*, a fim de participar de sua vivência desde a infância até à varonilidade. Para que os seres humanos pudessem ser participantes da natureza divina, veio Ele à Terra, e viveu uma vida de obediência perfeita. — *Idem*, 15-6-1905.

Em Cristo, *combinaram-se divindade e humanidade*. Não se degradou a divindade descendo à humanidade; a divindade reteve o seu lugar, mas a humanidade, unindo-se à divindade, resistiu à mais violenta prova da tentação no deserto. O príncipe deste mundo achegou-se a Cristo depois de Seu prolongado jejum, quando Se achava faminto, e lhe propôs que mandasse as pedras se tornarem pão. Mas o plano de Deus, delineado para salvação do homem, provia que Cristo devesse conhecer a fome, a pobreza, e todos os aspectos da vivência humana. — *Idem*, 18-2-1890.

Quanto mais pensamos acerca de Cristo haver-Se tornado um bebê aqui na Terra, tanto mais maravilhoso se nos afigura isto. Como pode ser que o *desajudado Bebê* na manjedoura de Belém seja ainda o *divino Filho de Deus*? Conquanto não o possamos compreender, podemos crer que Aquele que fez os mundos, por amor de nós Se tornou um desamparado bebê. Embora mais alto que qualquer dos anjos, *embora tão grande como o Pai no trono dos Céus, tornou-Se Ele um conosco*. NEle, Deus e o homem se tornaram um, e é neste fato que encontramos a esperança de nossa raça caída. Contemplando a Cristo na carne, contemplamos a Deus na humanidade, e vemos nEle o resplendor da glória divina, a expressa imagem de Deus, o Pai. — *The Youth's Instructor*, 21-11-1895.

Pessoa alguma, contemplando o semblante infantil, brilhando de animação, *diria que Cristo era exatamente como as outras crianças*. Ele era Deus em carne humana. Quando instado por Seus companheiros a praticar o mal, a divindade irrompia através da humanidade, e recusava-Se terminantemente. Num momento distinguia en-

tre o certo e o errado, e punha o pecado à luz dos mandamentos de Deus, exaltando a lei como um espelho que fazia incidir a luz sobre o erro. — *Idem*, 8-9-1898.

Como membro da família humana, era Ele mortal, mas como Deus era a fonte da vida para o mundo. Poderia, em Sua pessoa divina, *ter sempre resistido ao avanço da morte*, recusando-se a sujeitar-Se ao seu domínio; mas voluntariamente depôs a vida, para que, assim fazendo, pudesse dar vida e trazer à luz a imortalidade. (...) Que humildade não era essa! Deixou os anjos atônitos. A língua jamais o poderá descrever; não pode a imaginação concebê-lo. A Palavra eterna consentiu em tornar-Se carne! Deus tornou-Se homem! — *The Review and Herald*, 5-7-1887.

O apóstolo queria desviar nossa atenção, de nós mesmos para o Autor de nossa salvação. Apresenta-nos Suas duas naturezas — a divina e a humana. (...) *Voluntariamente assumiu a natureza humana*. Foi ato Seu mesmo, por Seu próprio consentimento. *Revestiu de humanidade a Sua divindade*. Continuou sempre como Deus, mas não Se apresentava como Deus. Velava as demonstrações de Divindade que motivavam a homenagem e admiração do Universo de Deus. *Ele era Deus enquanto na Terra, mas despiu-Se da forma divina*, substituindo-a pela forma e aspecto de homem. Andou pela Terra como homem. Por nossa causa tornou-Se pobre, a fim de que nós, mediante Sua pobreza, enriquecêsemos. Renunciou a Sua glória e majestade. Era Deus, mas renunciou, por algum tempo, às glórias da forma divina. (...) *Arcou com os pecados do mundo, e suportou a penalidade que, qual montanha, despenhou-se-Lhe sobre a alma divina*. Entregou a vida em sacrifício, a fim de que o homem não morresse eternamente. Morreu, não porque fosse obrigado a morrer, mas por livre e espontânea vontade. — *Ibidem*.

Foi porventura a natureza humana do Filho de Maria mudada, tornando-se a natureza divina do Filho de Deus? Não; ambas as naturezas amalgamaram-se misteriosamente em uma só pessoa — o homem Cristo Jesus. NEle habitava corporalmente a plenitude da divindade. *Quando Cristo foi crucificado, foi Sua natureza humana que morreu*. A Divindade não sucumbiu na morte; impossível teria sido isto. — *The SDA Bible Commentary*, Vol. 5, p. 1113.

III. Assumiu a Natureza Humana sem Pecado

Cristo veio à Terra, tomando sobre Si a humanidade, e *colocando-Se como representante do homem* para, na luta contra Satanás, mostrar que o homem, *tal como Deus o criou*, unido ao Pai e ao Filho, podia obedecer a todos os reclusos divinos. — *The Signs of the Times*, 9-6-1898.

Cristo é chamado o segundo Adão. Em pureza e santidade, unido a Deus e por Deus amado, *começou Ele onde começara o primeiro*

Adão. Voluntariamente percorreu o caminho em que Adão caiu, redimindo o fracasso de Adão. — *The Youth's Instructor*, 2-6-75.

Ao chegar a plenitude dos tempos, devia Ele revelar-Se em forma humana. Devia assumir a Sua posição de cabeça da humanidade, tomando a natureza do homem, mas não sua pecaminosidade. No Céu ouviu-se a voz: "Virá o Redentor a Sião e aos de Jacó que se converterem, diz o Senhor." — *The Signs of the Times*, 29-5-1901.

Quando Cristo pendeu a cabeça e morreu, trouxe consigo para a Terra as colunas do reino de Satanás. Venceu a Satanás na mesma natureza sobre a qual, no Éden, Satanás alcançou a vitória. O inimigo foi vencido por Cristo, em Sua natureza humana. Estava oculto o poder da Divindade do Salvador. Ele venceu na natureza humana, confiando em Deus quanto a receber poder. — *The Youth's Instructor*, 25-4-1901.

Tomando sobre Si a natureza humana em sua condição caída, Cristo não participou do seu pecado, no mínimo que fosse. Era sujeito às enfermidades e fraquezas que sitiavam o homem, "para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías: Ele mesmo tomou as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças". Sentia as nossas enfermidades, e foi em tudo tentado como o somos nós. E todavia "não conheceu pecado". Foi o Cordeiro "sem defeito e sem mácula." Pudessem Satanás, no mínimo particular, ter tentado Cristo a pecar, e teria ele ferido a cabeça do Salvador. No entanto, apenas Lhe pôde tocar o calcanhar. Fosse ferida a cabeça de Cristo, e perecido teria a esperança da raça humana. A ira divina teria caído sobre Cristo, como sobreveio a Adão. (...) Não devemos ter dúvida quanto à perfeita ausência de pecado na natureza humana de Cristo. — *The SDA Bible Commentary*, Vol. 5, p. 1131.

Sede cuidadosos, mas muito cuidadosos mesmo, quanto à maneira em que tratais da natureza humana de Cristo. Não O apresenteis diante do povo como homem propenso ao pecado. Ele é o segundo Adão. O primeiro Adão foi criado como ser puro, sem pecado, sem ter em si um vestígio de pecado; trazia a imagem de Deus. Era sujeito a cair, e caiu, transgredindo. Por causa do pecado, sua posteridade nasceu com as inerentes propensões à desobediência. Jesus Cristo, porém, era o Filho unigênito de Deus. Tomou sobre Si a natureza humana e foi tentado em todos os pontos, como é tentada a natureza humana. Poderia ter pecado; era passível de queda, mas nem por um momento houve nEle uma propensão ao mal. Ele foi assediado por tentações no deserto, como Adão foi assediado por tentações no Éden. — *Idem*, p. 1128.

O Filho de Deus humilhou-Se e tomou sobre Si a natureza humana, depois que o gênero humano vagueara longe do Éden por quatro mil anos, e longe do seu estado original de pureza e retidão. Por séculos o pecado imprimira suas terríveis marcas sobre a raça; e a degeneração

física, mental e moral prevalecia através da família humana. Quando, no Éden, Adão foi assaltado pelo tentador, não trazia ele uma mancha de pecado. (...) Cristo, no deserto da tentação, pôs-se em lugar de Adão, para vencer a prova em que ele fracassara. — *The Review and Herald*, 28-7-1874.

Evitai, em relação à humanidade de Cristo, qualquer questão que possa ser mal compreendida. A verdade acha-se muito perto da vereda da presunção. Ao tratar da humanidade de Cristo, deveis cuidar empenhadamente de toda e qualquer afirmação, para que vossas palavras não sejam tomadas em sentido mais amplo do que elas implicam, e assim percais ou obscureçais o claro sentido de Sua humanidade combinada com a divindade. Seu nascimento foi um milagre de Deus. (...) Jamais, de qualquer modo, deixeis ficar em mentes humanas a mais leve impressão de que repousava sobre Cristo um vestígio de corrupção, ou uma tendência a ela, ou de que Ele, de qualquer maneira cedesse à corrupção. Ele foi tentado em todos os pontos, como é tentado o homem, no entanto é Ele chamado "ente santo". É um mistério deixado sem explicação aos mortais, o fato de que Cristo pudesse ser tentado em todos os pontos em que nós o somos, e todavia não pecar. A encarnação de Cristo sempre foi um mistério, e sempre assim permanecerá. O que é revelado, é-o para nós e nossos filhos, mas seja todo ser humano advertido contra a atitude de fazer Cristo sempre humano, tal qual um de nós, pois isto não pode ser. — *The SDA Bible Commentary*, Vol. 5, pp. 1128 e 1129.

Que de paradoxos têm encontro e revelação na pessoa de Cristo! Deus poderoso, e todavia desajudada Criança! Criador de todos os mundos, todavia, num mundo por Ele criado, muitas vezes faminto e exausto, sem lugar onde repousar a cabeça! Filho do homem, e no entanto infinitamente mais elevado que os anjos! Igual ao Pai, todavia Sua divindade se reveste de humanidade, e coloca-Se como cabeça da raça caída, para que os seres humanos pudessem ocupar situação vantajosa! Possuidor de eternas riquezas, entretanto vivendo vida de pobre! Um com o Pai em dignidade e poder, todavia em Sua humanidade tentado em todos os pontos em que nós o somos! No próprio momento de Sua agonia mortal na cruz — Vencedor, respondendo ao pedido do pecador arrependido, de ser por Ele lembrado quando chegasse ao Seu reino. — *The Signs of the Times*, 26-4-1905.

IV. Tomou Sobre Si os Riscos da Natureza Humana

A doutrina da encarnação de Cristo, assumindo carne humana, é um mistério — "o mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações". É o grande e profundo mistério da piedade. (...)

Cristo não apenas deu a impressão de assumir a natureza humana; Ele a assumiu de fato. Possuiu, na realidade, natureza humana. "Visto (...) que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também Ele, igualmente, participou". Era filho de Maria; era da descendência de Davi segundo a linhagem humana. — *The Review and Herald*, 5-4-1906.

Ele veio a este mundo em forma humana, para viver como homem entre os homens. Assumiu os riscos da natureza humana, para ser provado e julgado. Em Sua humanidade, foi participante da natureza divina. Ao encarnar, adquiriu, em um novo sentido, o título de Filho de Deus. — *The Signs of the Times*, 2-8-1905.

Mas nosso Salvador revestiu-Se da humanidade com todas as contingências da mesma. Tomou a natureza do homem com a possibilidade de ceder à tentação. Não temos de suportar coisa nenhuma que Ele não tenha sofrido. — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 82.

Cristo tomou sobre Si os pecados e fraquezas da raça humana tais quais existiam quando desceu à Terra para ajudar ao homem. Em favor do gênero humano, tendo sobre Ele as fraquezas do homem caído, deveu Ele resistir às tentações de Satanás em todos os pontos em que o homem devia ser atacado. — *The Review and Herald*, 28-7-1874.

Jesus foi em todas as coisas feito semelhante a Seus irmãos. Tornou-Se carne, da mesma maneira que nós. Tinha fome, e sede, e fadiga. Sustentava-Se com alimento e refrigerava-Se pelo sono. Participava do quinhão dos homens; e no entanto era o imaculado Filho de Deus. Era Deus em carne. Seu caráter deve ser o nosso. — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 228.

A natureza humana de Cristo é semelhante à nossa, e o sofrimento era por Ele sentido mais vivamente; pois Sua natureza espiritual era livre de toda mancha do pecado. Por isso Seu desejo de que fosse removido o sofrimento era mais forte do que os seres humanos são capazes de experimentar. (...)

O Filho de Deus suportou a ira de Deus contra o pecado. Todo o acumulado pecado do mundo foi posto sobre o Portador do pecado, que era inocente, que, unicamente, podia ser a propiciação pelo pecado, porque Ele mesmo era obediente. Era Um com Deus. Nenhuma mancha de corrupção estava sobre Ele. — *The Signs of the Times*, 9-12-1897.

Como um conosco, cumpria-Lhe suportar o fardo de nossa culpa e aflição. O Inocente devia sentir a vergonha do pecado. (...) Todo pecado, toda discórdia, toda contaminadora concupiscência trazida pela transgressão, era uma tortura ao Seu espírito. — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 77.

O peso dos pecados do mundo oprimia-Lhe a alma, e Seu semblante exprimia indizível tristeza, uma profunda angústia que o homem caído jamais sentira. Sentiu a avassaladora onda de mi-

séria que inundava o mundo. Reconheceu a força do apetite e da paixão profana que dominava o mundo. — *The Review and Herald*, 4-8-1874.

Na expiação fez-se justiça completa. Em lugar do pecador, o imaculado Filho de Deus recebeu a penalidade, e o pecador sai livre, contanto que receba e conserve a Cristo como seu Salvador pessoal. Conquanto culpado, é ele tido como inocente. Cristo satisfaz todas as reivindicações exigidas pela justiça. — *The Youth's Instructor*, 25-4-1901.

Sem culpa, arcou Ele com o castigo do culpado. Inocente, todavia oferecendo-Se como substituto do transgressor. A culpa de todos os pecados imprimia seu peso sobre a alma divina do Redentor do mundo. — *The Signs of the Times*, 5-12-1892.

Ele tomou sobre Sua natureza sem pecado, nossa natureza pecaminosa, a fim de que soubesse como socorrer os que são tentados. — *Medical Ministry*, p. 181.

NOTA.—O grifo das expressões-chave destina-se a facilitar ao leitor o apanhar de um relance os pontos principais de cada parágrafo. — Publicadores.

Batismo — Uma Legítima . . .

(Continuação da p. 5)

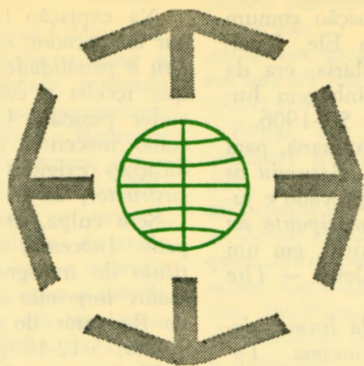
veria organizações a superintender, nem decisões a serem tomadas, nem homem algum para participar de comissões, nem departamentos para serem postos a funcionar, nem mesas administrativas, etc. A conclusão é inevitável: As águas batismais têm de estar sempre agitadas, não apenas para manter o que temos, mas para que a igreja seja aquela força agressiva para a qual foi ela implantada na Terra.

Sem dúvida, uma parte de nossa paralisia é que temos posto o secundário antes do primário, e na mente de muitos homens a conquista de almas perdidas pessoalmente contactadas pelo ministro é secundária no modo de ver de alguns na organização. No plano de um ministério altruísta, o trabalho deve sempre superexceder a posição, e somente um ministério altruísta pode receber a plena aprovação do Espírito Santo.

Assim a ordem para ensinar e batizar é a legítima prioridade da igreja, sendo tudo o mais tributário dela.

Inspirados por uma imensurável projeção estatística, devemos trabalhar como se a conquista de uma alma, ainda que uma só, fosse nosso negócio, sabendo que a aprovação é de Deus, e precisamos resistir à tentação do orgulho laodiceano na realidade de nosso crescimento, mas confessar em humildade a Deus que as coisas seriam melhores se nós fôssemos melhores, e em Seu nome nos empenharmos em nossa tarefa!

NOTAS



BREVES

Família Conhecida por sua Vida Religiosa Simples

A família do presidente Ford, dos Estados Unidos, é conhecida em Washington e em Gran Rapids, Michigan, sua terra natal, por sua vida religiosa simples. Na religião como na política, o Sr. Ford, leigo de confissão episcopal é conservador. Ele é um tradicionalista, com forte apego à família, ao patriotismo e ao trabalho. Mas o trigésimo oitavo presidente norte-americano é considerado também um homem que sabe ouvir a outros que tenham pontos de vista diferentes dos seus, e trata os seus oponentes com muito respeito.

Aumento na Vendagem de Cigarros

O consumo de cigarros em 1973 aumentou em 4 por cento em relação ao ano anterior — o de maior aumento no consumo em toda esta década — segundo um relatório da Federal Trade Commission. No último ano o consumo de cigarros em termos de dinheiro totalizou um volume de vendas igual a quase 600 bilhões de dólares.

O que o relatório não diz é qual o "increase" na incidência do câncer pulmonar em consequência de espantoso consumo de cigarros.

Evangelização com Fitas Cassete

Relatando o êxito de suas reuniões evangelísticas em Palm Springs, Califórnia, John Rhodes fala da eficácia no uso de fitas gravadas das reuniões realizadas à noite. "Nós gravamos a conferência", ele escreve, "e então, ao visitar pessoas que tenham faltado à reunião, utilizamos a fita gravada da conferência, usando para isto um gravador que levamos conosco em nossa visitação. "Estou convencido", ele acrescenta, "de que jamais deixarei de utilizar este processo em meus trabalhos de evangelização. É realmente um grande auxílio, visto que Satanás induz os interessados a faltarem justo nas reuniões mais importantes.

Festival de Música Religiosa

O primeiro Festival Ecumênico de Música Religiosa Moderna, realizou-se na Guatemala, em novembro último, com a participação de vários conjuntos juvenis de diversas igrejas do país. Cantaram-se tanto canções litúrgicas como de protesto, sendo que algumas foram gravadas para fins comerciais.

Atualização na Hinologia

Dando consequência à tese de que a hinologia confessional evangélica necessita de atualização, a igreja metodista está preparando um hinário com música e letra de autores nacionais e diferentes tendências musicais. Nele se notará a preocupação com o elemento contemporâneo tanto na letra como na música, preocupação mais com o canto congregacional do que com o canto coral, sendo que a intenção é que a obra permaneça aberta para continuidade. (CEI)

O Conflito Não é Religioso

O cardeal primaz da igreja da Irlanda do Norte, William Conway, declarou que "a Irlanda não está envolvida numa guerra religiosa, e que as relações entre a igreja católica e a igreja protestante, no atormentado país, continuam muito boas, tanto quanto podem ser. (CEI)

NOTÍCIAS DAS...

Notícias da Faculdade de Teologia do Colégio Adventista do Chile.

Correspondente Sérgio Ogalde

Cinco professores trabalham exclusivamente na faculdade: Alem Jamison, Aduardo Zurita, Enrique Becerra, Ricardo Abos Padilla e Rolando Itín.

Sete outros professores da escola de educação também dão aulas na Faculdade de Teologia.

144 alunos formaram-se entre 1964 e 1973, segundo o seguinte detalhe:

1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974
13	30	19	15	10	2	15	4	17	19	Dados a receber

Trabalham na obra, seja como missionários, professores, funcionários de escritório, etc., 229 graduados do colégio.

Trabalham no território da União Chilena, 129 graduados do C. A. Ch.

Está organizada a Missão Estudantil Experimental, na qual trabalham quase todos os alunos de teologia, realizando os seguintes trabalhos:

Primeiro ano. Estudos bíblicos e visitas missionárias no colégio e vizinhanças.

Segundo ano. Responsabilidades na igreja do colégio e atendimento a uma igreja vizinha. O Bosque.

Terceiro ano. Responsabilidades e trabalhos na igreja da cidade de Chillán e outras igrejas vizinhas.

Quarto ano. Responsabilidade na cidade de Chillán e na igreja do colégio.

Durante 1974, 81 alunos cursaram os diferentes anos de teologia segundo o seguinte quadro:

1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano	Total
34	22	13	12	81

Missão Estudantil do Prata. Faculdade de Teologia do C. A. P.

Correspondente: Graciela Weiss

A Missão Estudantil do Prata organizou-se em abril de 1973, com a realização de um congresso cujo lema foi: "Para que o Mundo Saiba".

Durante 1974, 75 jovens dos diversos cursos superiores foram convidados para colaborar nos 14 lugares atendidos pela Missão.

Durante a Semana Santa, 1.293 pessoas não adventistas assistiram a 27 pontos de pregação dirigidos por 80 pregadores da Missão. Houve vários batismos como resultado direto deste trabalho.

Durante o "Ano da Colheita" os instrutores bíblicos instruíram 180 pessoas semanalmente, sem contar os que continuam a preparar-se por meio dos cursos da Escola Radiopostal, que somam cerca de 200.

Foram organizadas classes batismais em quatro lugares; reuniões para crianças em sete; os jovens estudantes de enfermagem do S. A. P. colaboraram eficientemente na série de conferências mediante palestras sobre saúde.

Em algumas igrejas do distrito foram dirigidos pequenos cursos de preparação de obreiros leigos e diretores de Escola Sabatina.

A Missão Estudantil do Prata teve três congressos, nos quais se viu favorecida pela presença de autoridades da Associação Central-Argentina e da União Austral. O primeiro realizou-se no início das atividades; o segundo teve lugar entre 4 e 7 de outubro, com o lema: "Para que o mundo creia", e o último realizou-se entre 21 e 31 de março de 1974, pondo diante dos jovens missionários o lema: "Lancemos a rede em Seu nome".

Com o propósito de que cada jovem que faz parte da Missão Estudantil do Prata alcance uma experiência mais completa com Cristo, organizou-se um retiro espiritual da Missão durante o quarto fim-de-semana do mês de agosto de 1973.

O EXEMPLO DO REBANHO

“Raramente o povo se eleva acima do ministro que o dirige. Havendo um espírito amante do mundo, isso exerce uma tremenda influência sobre os outros. O povo faz das deficiências dele uma desculpa para cobrir o seu próprio espírito mundano. Sossegam a consciência, pensando que podem ter liberdade de amar as coisas desta vida, e ser indiferentes às espirituais, porquanto os ministros são assim. Enganam sua própria alma, e permanecem amigos do mundo, o que o apóstolo declara ser “inimizade contra Deus”. Rom. 8:7. Os ministros devem ser exemplos para o rebanho. Devem manifestar um inextinguível amor às almas, e à causa a mesma devoção que desejam ver no povo”. — Obreiros Evangélicos, p. 339.

Mudou de Endereço?

Para que não se interrompa a remessa de *O Ministério*, envie-nos o seu novo endereço. Com todo o prazer continuaremos a atendê-lo.

Nome

Endereço anterior

Novo endereço

Envie a Casilla 286, Montevidéu, Uruguai.
Associação Ministerial.

O MINISTÉRIO adventista

O MINISTÉRIO ADVENTISTA — Publicado bimestralmente pela ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO 7.º DIA — Editado pela Casa Publicadora Brasileira, Av. Pereira Barreto, 42 — 09000 - Sto. André, São Paulo.

Ano 41 Maio-Junho, 1975 N.º 3

Esta revista acha-se registrada no DCDP do DPF sob n.º 899 — P. 209/73

DIRETOR —
RUBÉN PEREYRA

GERENTE GERAL —
BERNARDO E. SCHÜNEMANN

REDATOR —
CARLOS A. TREZZA

COLABORADORES —
R. A. WILCOX, ENOQUE DE OLIVEIRA

DEPTO. DE ARTE —
HENRIQUE C. KAERCHER

Assinatura Anual Cr\$ 48,00
US\$ 6,00
Número Avulso Cr\$ 8,00
US\$ 1,00

NESTE NÚMERO

De Coração a Coração	
Mensagem do Concílio	
Anual de 1974	2
Evangelismo	
Batismo — Uma Legítima	
Prioridade da Igreja	5
Justificação Pela Fé e a Associação Ministerial	6
O Pastor	
A Imagem do Pastor	9
Artigos Gerais	
O Movimento Carismático — II	11
Entrevista	
O Diretor Faz 10 Perguntas a Ruben Arn	13
Uma Cruz ou Uma Escada	16
Perguntas Sobre Doutrina	
A Natureza de Cristo Durante a Encarnação	18
Notas Breves	22
Faculdades de Teologia	23